

Pesquisa Multidisciplinar EM SAÚDE

EDIÇÃO XXII

Capítulo 36

CONHECIMENTO SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE

ANIELY DOS ANJOS RODRIGUES¹
AMANDA DE SOUSA MATOS¹
LARISSA MACEDO COSTA¹
NATÁLIA ARRUNATEGUI MIRANDA¹
CÉSAR AUGUSTO DA SILVA²

¹ Discente – Colegiado de Medicina, Universidade Federal do Vale do São Francisco.

² Docente – Colegiado de Medicina, Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Palavras-chave: Prevenção; Comportamento Sexual; Educação em Saúde.

DOI

10.59290/5200769128

EP EDITORA
PASTEUR

INTRODUÇÃO

A compreensão da dinâmica das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) entre estudantes universitários é crucial devido à crescente preocupação com a incidência de tais infecções nessa população (SPINDOLA *et al.*, 2021). Além disso, a vida universitária, marcada por mudanças significativas e experiências sociais, pode influenciar diretamente na vulnerabilidade dos estudantes a essas infecções (ARANHA *et al.*, 2017).

No cenário universitário, a vida social ativa é uma constante, marcada por interações frequentes em festas, eventos e relações interpessoais. Essa dinâmica intensa, embora proporcione experiências enriquecedoras, também acarreta desafios, especialmente no que diz respeito à saúde sexual dos estudantes. A exposição desses jovens aos riscos de transmissão de ISTs aumenta significativamente, sobretudo se as formas de transmissão e prevenção dessas infecções não são amplamente compreendidas por essa parcela da população (SHANNON; KLAUSNER, 2019).

Nesse contexto, o período universitário se destaca por ser uma fase de experimentação sexual e estabelecimento de relações íntimas entre os jovens, caracterizando-se como um período de descobertas. No entanto, é durante essa fase que comportamentos de risco se tornam mais frequentes, tais como relações sexuais desprotegidas e o envolvimento com múltiplos parceiros. Estes comportamentos contribuem de maneira significativa para o aumento da prevalência de ISTs entre os estudantes universitários, tornando-se uma preocupação relevante para a promoção da saúde e o bem-estar dessa comunidade acadêmica (TAQUETTE *et al.*, 2005).

O estigma relacionado às ISTs e as barreiras psicossociais muitas vezes desencorajam os estudantes a buscar assistência médica ou realizar testes diagnósticos, perpetuando a disseminação dessas infecções (UFMG, 2021). Tal cenário, somado à carência de uma educação sexual abrangente e à defasagem na testagem regular para as principais ISTs, resultam em falta de conhecimento sobre práticas preventivas e aumento da vulnerabilidade dos estudantes, pelo risco de contrair tais infecções.

De acordo com pesquisas realizadas pelo Ministério da Saúde, a taxa de infecção pelo vírus do papiloma humano (HPV) na região genital atinge mais da metade das mulheres brasileiras, sendo responsável por cerca de 90% dos casos de câncer de colo de útero. Apesar da relevância do tema no âmbito da saúde pública, estudos no Estado de Minas Gerais revelam que menos da metade (40,1%) dos entrevistados sabem o que é HPV, fator esse que demonstra a carência de informação entre a população sexualmente ativa do país.

No que se refere à infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), no Brasil, houve um aumento de aproximadamente 30% dos casos entre os anos de 2010 e 2020, especialmente entre a população mais jovem, de 20 a 34 anos, que registra 52,9% dos casos. No entanto, pesquisa com estudantes universitários de instituições nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo demonstra que os alunos, em especial os que não fazem cursos da área da saúde, possuem pouco conhecimento acerca das vias de transmissão das ISTs, incluindo o vírus da imunodeficiência humana (HIV) e da sífilis que é, atualmente, a infecção sexualmente transmissível de maior prevalência no Brasil (FONTE *et al.*, 2018). Na região Nordeste do Brasil, os casos de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) identificados em jovens

entre 13 e 24 anos em 2022 totalizaram 979 notificações (DATASUS, 2022).

Neste contexto, o objetivo deste estudo foi analisar o nível de conhecimento e comportamentos de risco para ISTs entre jovens universitários da área de saúde, com foco na infecção pelo HIV e na AIDS, devido à sua relevância global e ao significativo impacto na saúde pública; na sífilis, causada pela bactéria *Treponema pallidum*, investigando sua prevalência e consequências para a saúde; e na infecção pelo HPV, vírus associado a diversas neoplasias, analisando sua prevalência e as principais formas de prevenção.

MÉTODO

Trata-se de um estudo observacional, descritivo e transversal, que analisou o nível de conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e os comportamentos de risco entre estudantes universitários da área da saúde. A escolha por esta abordagem se justificou pela natureza exploratória da pesquisa, visando compreender e descrever as características e padrões de comportamento dessa população em relação às ISTs, sem interferir diretamente em suas experiências.

O estudo foi realizado com 206 estudantes universitários matriculados nos cursos de Medicina, Psicologia, Enfermagem e Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), com idade entre 18 e 30 anos. Os participantes foram selecionados por meio de amostragem aleatória estratificada proporcional, de modo a garantir a representatividade de diferentes cursos e anos de graduação, considerando variáveis como curso, gênero, faixa etária e orientação sexual.

Não houve intervenção direta sobre a exposição dos participantes, uma vez que o estudo

se concentrou na observação e análise dos conhecimentos e comportamentos relacionados às ISTs em seu contexto natural. Os dados foram coletados por meio de questionários estruturados anônimos, contendo perguntas sobre conhecimento acerca das infecções citadas, comportamentos sexuais e métodos preventivos para ISTs. A análise dos dados incluiu técnicas estatísticas descritivas para quantificar o nível de conhecimento e identificar padrões de comportamento dentro da amostra. O estudo foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da UNIVASF (CAAE no 81469224.6.0000.0282), em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os participantes do estudo, a maioria era do sexo feminino (66,5%), 41,3% do curso de Medicina e a maioria (56,8%) tinha entre 21 e 25 anos. Quanto ao conhecimento das infecções, 99,5% já ouviram falar de ISTs, sendo as mais reconhecidas a sífilis (98,5%), o HIV/AIDS (98,1%) e o HPV (94,7%). Apesar do alto nível de conhecimento, foram identificadas lacunas importantes, tais como, 46,6% dos entrevistados nunca realizaram exames para detecção de ISTs e apenas 65,1% relataram usar preservativo sempre ou às vezes. Além disso, 75,2% já tiveram relações sexuais, e 18,5% mantiveram múltiplos parceiros no último ano.

Nesse contexto, os resultados revelam que quase metade dos participantes nunca realizou exames para detecção de ISTs (46,6%), e pouco mais de dois terços relataram utilizar preservativos de forma consistente ou ocasional (65,1%). Esses dados sugerem que o conhecimento, por si só, não é suficiente para promover mudanças comportamentais capazes de reduzir o risco de infecção, ou seja, mesmo que mais de

90% dos participantes conheçam as ISTs, as práticas de prevenção não parecem ser seguidas. Isso reforça que intervenções exclusivamente baseadas na transmissão de conhecimento apresentam eficácia limitada quando não abordam fatores comportamentais, psicológicos e sociais relacionados à sexualidade.

Diversos fatores podem explicar essa divergência entre conhecimento e prática. Entre eles destacam-se a percepção reduzida de vulnerabilidade, o uso de métodos contraceptivos não relacionados à prevenção de ISTs, o consumo de álcool e outras substâncias antes das relações sexuais, além de aspectos socioculturais que dificultam a negociação do uso do preservativo. Em jovens universitários, esses fatores podem ser ainda mais relevantes devido às mudanças no estilo de vida, maior autonomia e ampliação das relações interpessoais características dessa fase.

Outro dado relevante refere-se ao fato de que 75,2% dos participantes já haviam iniciado a vida sexual e que uma parcela expressiva relatou múltiplos parceiros sexuais no último ano (18,5%). Esses comportamentos aumentam a exposição às ISTs, especialmente quando associados ao uso inconsistente de preservativos e à baixa realização de testes diagnósticos. O rastreamento periódico, portanto, constitui uma estratégia fundamental para o diagnóstico precoce, a interrupção da cadeia de transmissão e

o início oportuno do tratamento, sendo recomendado principalmente para indivíduos sexualmente ativos com fatores de risco associados.

CONCLUSÃO

Os resultados revelam que, embora estudantes universitários da área da saúde apresentem elevado nível de conhecimento sobre as principais infecções sexualmente transmissíveis, esse conhecimento não se traduz, necessariamente, na adoção de comportamentos preventivos adequados. A utilização inconsistente de preservativos, a baixa adesão à testagem para ISTs e a presença de comportamentos sexuais de risco demonstram a persistência de fatores que aumentam a vulnerabilidade dessa população às infecções.

Dessa forma, torna-se fundamental o desenvolvimento de estratégias educativas permanentes e alinhadas à realidade universitária, que contemplem, além da disseminação do conhecimento, aspectos comportamentais, psicossociais e culturais relacionados à sexualidade, com o intuito de fomentar comportamentos sexuais mais seguros e minimizar a vulnerabilidade desse grupo. Assim, espera-se que tais resultados contribuam para o planejamento de políticas e programas de promoção da saúde sexual no ambiente universitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, R. *et al.* Boas práticas e fundamentos do trabalho de enfermagem na construção de uma sociedade democrática. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 70, p. 1087, 2017.

BRASIL. Boletim de HIV e Aids apresenta alerta sobre situação no RS. Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/boletim-de-hiv-e-aids-apresenta-alerta-sobre-situacao-no-rs#:~:text=Em%202022%2C%20o%20ranking%20referente>. Acesso em: 22 jul. 2026.

BRASIL. Boletim epidemiológico de sífilis. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.

FONTE, V.R.F. *et al.* Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. *Escola Anna Nery*, v. 22, 2018.

SHANNON, C.L.; KLAUSNER, J.D. The growing epidemic of sexually transmitted infections in adolescents. *Current Opinion in Pediatrics*, v. 30, p. 137, 2019. doi: 10.1097/MOP.0000000000000578.

SPINDOLA, T. *et al.* A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: diferenças segundo o gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, p. 2683, 2021. doi: 10.1590/1413-81232021267.08282021.

TAQUETTE, S.R. *et al.* A relação entre as características sociais e comportamentais da adolescente e as doenças sexualmente transmissíveis. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 51, p. 148, 2005. doi: 10.1590/S0104-42302005000300015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG. Falta de informação e acolhimento no sistema de saúde elevam casos de HIV entre jovens. Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, 20 dez. 2021. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/falta-de-informacao-e-acolhimento-no-sistema-de-saude-elevam-casos-de-hiv-entre-jovens/>. Acesso em: 22 jul. 2026.